

# A ODISSEIA



HOMERO





# A ODISSEIA



HOMERO

TRADUÇÃO  
ODORICO MENDES



Principis



Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural.

© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

|   |  |
|---|--|
| Texto                                   | Notas  |
| Homero                                  | Ivi Paula  |
| Tradução                                | Revisão  |
| Odorico Mendes                          | Fernanda R. Braga Simon  |
| Cotejo da tradução                      | Diagramação  |
| Ibraíma Dafonte Tavares e Shirley Gomes | Fernando Laino Editora   |
| Preparação                              | Capa   |
| Ibraíma Dafonte Tavares                 | luma_art/Shutterstock.com;<br>Michaelica/Shutterstock.com;<br>Mott Jordan/Shutterstock.com |

*Texto fixado a partir de: Homero, A Odisseia, tradução de Manuel Odorico Mendes, São Paulo, Atena Editora, 1955.*

---

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

---

H766o Homero

Odisseia / Homero ; traduzido por Odorico Mendes. - Jandira, SP : Principis, 2020.  
320 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Literatura Clássica Mundial)

Tradução de: Odýssea  
Inclui índice.  
ISBN: 978-65-5552-158-0

1. Literatura grega. 2. Poesia épica. I. Mendes, Odorico. II. Título. III. Série.

2020-2294

CDD 883  
CDU 821.14'02-3

---

**Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410**

#### **Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura grega 883
2. Literatura grega 821.14'02-3

1ª edição em 2020

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

# SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| LIVRO I.....  | 7   |
| LIVRO II.....   | 17  |
| LIVRO III.....  | 27  |
| LIVRO IV.....   | 38  |
| LIVRO V.....  | 57  |
| LIVRO VI.....   | 68  |
| LIVRO VII.....  | 75  |
| LIVRO VIII.....                                       | 83  |
| LIVRO IX.....   | 96  |
| LIVRO X.....  | 109 |
| LIVRO XI.....   | 121 |
| LIVRO XII.....  | 136 |
| LIVRO XIII.....                                       | 145 |
| LIVRO XIV.....  | 155 |
| LIVRO XV.....   | 167 |
| LIVRO XVI.....  | 179 |
| LIVRO XVII.....                                       | 190 |
| LIVRO XVIII.....                                      | 203 |
| LIVRO XIX.....  | 213 |
| LIVRO XX.....   | 226 |
| LIVRO XXI.....  | 235 |
| LIVRO XXII.....                                       | 245 |
| LIVRO XXIII.....                                      | 256 |
| LIVRO XXIV.....                                       | 264 |
| QUANTOS VERSOS TEM O ORIGINAL E QUANTOS A VERSÃO..... | 277 |
| NOTAS DA EDIÇÃO.....                                  | 279 |
| NOTAS DO TRADUTOR.....                                | 299 |





## LIVRO I

Canta, ó Musa, o varão que astucioso,  
Rasa Ílion santa, errou de clima em clima,  
Viu de muitas nações costumes vários.  
Mil transeis padeceu no equóreo ponto,  
5 Por segurar a vida e aos seus a volta;  
Baldo afã! pereceram, tendo insanos  
Ao claro Hiperiãoio os bois comido,  
Que não quis para a pátria alumiá-los.  
Tudo, ó prole Dial, me aponta e lembra.  
10 Da guerra e do mar sevo recolhidos  
Os que eram salvos, um por seu consorte  
Calipso, ninfa augusta, apetedendo,  
Separava-o da esposa em cava gruta.  
O céu porém traçou, volvendo-se anos,  
15 De Ítaca reduzi-lo ao seio amigo,  
Onde novos trabalhos o aguardavam:  
De Ulisses condoíam-se as deidades;  
Mas, sempre infenso, obstava-lhe Netuno,  
Este era entre os Etíopes longínquos,  
20 Do oriente e ocidente últimos homens,

Num de touros e ovelhas sacrifício  
A deleitar-se; e estavam já no alcáçar  
Do Olimpo os habitantes em concílio.  
O soberano, a recordar Egisto  
25 Do Agamêmnon Orestes imolado,  
Principia: “Os mortais ah! nos imputam  
Os males seus, que ao fado e à própria incúria  
Devem somente. Contra o fado mesmo,  
Do porvir não cuidadoso, há pouco Egisto,  
30 Em seu regresso o Atrida assassinando,  
Esposou-lhe a mulher, bem que enviado  
O Argicida sutil o dissuadisse:  
– De o matar foge, e poluir seu leito;  
Senão, tem de vingá-lo, adolescente,  
35 Sendo investido no seu reino Orestes. –  
Mercúrio o amoestou, mas surdo Egisto,  
Os delitos por junto expia agora” .  
A quem Minerva: “Sumo pai Satúrnio,  
Jaz com razão punido esse perverso;  
40 Todo que o imitar, com ele acabe!  
Mas a aflição de Ulisses me compunge,  
Que, há tanto longe dos amenos lares,  
Em ilha está circúnflua e nemorosa,  
Lá no embigo do mar; onde é retido  
45 Pela filha de Atlante onisciente,  
Que o salso abismo sonda, o peso atura  
Das colunas que a terra e o céu demarcam.  
A deusa com blandícias o acarinha;  
De Ítaca ele saudoso, o pátrio fumo  
50 Ver deseja e morrer. Não te comoves?  
Irritou-te faltando, em sua amada  
E em Troia, com ofertas e holocaustos?”  
E o Junta-nuvens: “Que proferes, filha,  
Do encerro dessa boca? Eu deslembrar-me  
55 Do mortal mais sisudo, o mais devoto,

Aos Celícolas pio e dadivoso!  
Da terra o abarcador é quem o avexa,  
Por ter do olho privado a Polifemo,  
O mor Ciclope, que, num antro unida  
60 A Netuno, pariu Toosa, estirpe  
De Fórcis, deus do pego insemiável.  
O Enosigeu d’então lhe poupa a vida,  
Mas de Ítaca o arreda. Provejamos  
Na vinda sua; aplaque-se Netuno:  
65 Só contra todos contender não pode”.

A olhicerúlea: “Ó padre, ó rei supremo,  
Se vos praz que à família torne Ulisses,  
Da ínsula Ogígia à ninfa emadeixada  
Mercúrio o intimo, o herói prudente parta.  
70 A Ítaca baixo a confortar o filho:  
Os comantes Argeus convoque ousado;  
Suste aos vorazes procos a carnagem  
De flexípedes bois e ovelhas pingues.  
Dali, na Esparta e na arenosa Pilos,  
75 Do amado genitor se informe e indague,  
E entre humanos obtenha ilustre fama”.

Já liga alparcas de ouro incorruptíveis,  
Que a propelem como aura pelas ondas  
Ou pelo amplo terreno; a lança empunha  
80 De érea afiada ponta e desmedida,  
Com que turmas de heróis desfaz metuenda,  
Progênie de tal pai. Do Olimpo frecha;  
Em Ítaca, ao vestibulo de Ulisses  
Tem-se, e de hasta na destra, parecia  
85 O hóspede Mentis campeão dos Táfiis.  
Ao pórtico acha intrusos pretendentes  
Sobre couros de bois que morto haviam,  
Os dados a jogar. Servos e arautos  
Misturam nas crateras água e vinho,  
90 Ou com povosa esponja as mesas pulem,

E partem nelas abundantes carnes.  
Distante a vê Telêmaco deiforme:  
No meio, taciturno e consternado  
No genitor pensava, que expulsá-los  
95 E reger venha o leme do governo.  
Entrementes a avista, e não sofrendo  
Por mais tempo de fora um peregrino,  
Corre, aperta-lhe a mão, sua arma toma:  
“Hóspede amigo, salve; o que precisas,  
100 Depois do teu repasto o saberemos”.  
    Ei-lo encaminha a deia, e já na sala  
Ante celsa coluna encosta a lança  
À nítida hastaria, onde em fileira  
As de Ulisses valente em pé dormiam.  
105 Num trono a põe dedáleo de alcatifa  
E de escabelo aos pés, senta-se perto  
Em variegada sela; à parte ficam,  
Para que, à bulha e ao trato com soberbos,  
O hóspede o apetite não perdesse,  
110 E do pai ele a folgo o interrogasse.  
De gomil de ouro às mãos verte uma serva  
Água em bacia argêntea, a mesa lustra,  
Que enche a modesta afável despenseira  
De pães e das presentes iguarias;  
115 Escudelas de várias novas carnes  
O trinchante apresenta e copos de ouro,  
Que arrasa de almo vinho arauto assíduo.  
    Suspenso o jogo, os feros pretendentes  
Ocupam já cadeiras e camilhas;  
120 Dão água às mãos arautos, pão cumulam  
Servas em canistréis; atiram-se eles  
Aos regalados pratos, e as crateras  
Lhes coroam mancebos. Farta a sede,  
Farta a fome, em prazer os embriagam  
125 Música, dança, adornos de banquetes:

Cítara ebúrnea entrega um dos arautos  
A Fêmio, que forçado ali tangia  
E o cântico ajustava ao som das cordas.

Inclinou-se Telêmaco a Minerva,  
130 Dizendo à puridade: “Hóspede caro,  
Vou talvez enfadar-te? Eles só curam  
De cantigas e danças, porque impunes  
Comem do alheio, os bens do herói consomem,  
Cuja ossada ou jaz podre em longes terras,  
135 Ou rola entre maretas; ah! se o vissem  
Cá reaparecer, mais que ouro e galas,  
Planta leve amariam. Fado acerbo  
Urge-o porém, e embora algum terrestre  
A volta sua afirme, as esperanças  
140 Murchas estão, nem luzirá tal dia.  
Ora, quem és? De que família e pátria?  
Com que gente vieste e em que navio?  
Vindo a pé não te creio. Uses franqueza,  
Hóspede me és recente ou já paterno?  
145 A muitos nosso teto agasalhava,  
E meu pai atraía os forasteiros”.

A de azuis claros olhos: “Não duvides,  
Mentes sou, de ser nado me glorio  
De Anquíale belaz, e os Táfiros mando,  
150 Náuticos hábeis. Vim, com meus remeiros  
Sulcando o negro pélagos, a Temeses  
De estranha língua permutar meu ferro  
Pelo seu cobre: o vaso tenho surto  
No Retro porto, fora da cidade,  
155 Junto ao Neio frondoso. Antigo hospício  
Me une a teu pai, e o diga o bom Laertes;  
Herói que, é fama, a corte mesto esquiva,  
Em campo solitário, onde ama idosa  
Lhe apresta a mesa, ao vir cansado e lasso  
160 De amanhar fertilíssimos vinhedos.

Cuidei, corria voz, tornado Ulisses;  
Mas os deuses o impedem, que inda vive  
Em ilha de mar vasto circunfusa,  
Por bárbaros detido e involuntário.

165 O que o Céu sugeriu-me, eu to assevero,  
Se bem áugur não seja ou grão profeta:  
Não tardará; que, embora o tenham ferros,  
Ardis cogita. Sê sincero; os olhos  
E a cabeça tens dele, és tu seu filho?

170 Como agora frequentes conversávamos;  
Desde que para Troia, entre os mais cabos  
Se embarcou, nunca mais nos avistamos”.

E o príncipe modesto: “Hóspede, é certo  
Que minha mãe de Ulisses me diz prole;  
175 Por si mesmo ninguém seu pai descobre.  
Oh! gerado fosse eu de um mais ditoso,  
Que em suas possessões envelhecesse!  
A porvir de um herói, já que o perguntas,  
Esse é desgraçadíssimo dos homens”.

180 E Palas: “Deu-te o Céu preclaro berço,  
És da casta Penélope nascido.  
Mas, dize, que festim, que turba é esta?  
Para que a tens? São núpcias? É banquete?  
Por escote o não fazem. Que insolência!

185 Qualquer homem de siso há de irritar-se  
De os ver assim”. – Telêmaco prudente:  
“Hóspede, honesta e rica era esta casa,  
Quando aquele varão conosco estava;  
Mas obscuro ocultá-lo aprouve aos deuses.

190 Menos dor fora se acabasse em Ílion,  
Ou no meio de amigos triunfante:  
Erigindo-lhe a Grécia um monumento,  
Ao filho seu legara imensa glória.  
As Harpias cruéis mo arrebataram;

195 Sem brilho algum morreu, só lutos, herdo.

Outros prantos o fado me suscita:  
Os chefes de Dulíquio ambiciosos,  
De Ítaca rude e Samos e Zacinto  
Pretendem minha mãe, que os não repulsa,  
200 Bem que fiel tais himeneus deteste;  
Famélicos o haver me dilapidam,  
E malvados a morte me aparelham”.

Palas com dó: “Precisas de que Ulisses  
A mão carregue sobre audácia tanta.  
205 Oh! de seu paço à entrada aparecesse  
De elmo, adarga e hastas duas, qual chegando  
O vi de Éfira e de Ilo Mermérida,  
Aonde fora numa nau veleira  
Comprar veneno para ervar as setas;  
210 Mas, como Ilo o negou temendo os numes,  
Lho deu meu pai, que amigo em nossa casa  
O regalou de saborosos vinhos:  
Surdisse, e a boda amargaria aos procos.  
Se cá deva o Laércio ou não vingar-se,  
215 Arcano é divinal; tu considera  
De enxotá-los o modo, eu to aconselho:  
Em assembleia aos teus amanhã fala,  
Atesta o Céu, despede esses intrusos;  
A desejar Penélope outro esposo,  
220 Torne a seu pai, que as núpcias lá celebre,  
E um dote para a filha haja condigno.  
Se outro cordato aviso adotar queres,  
Navegues, a indagar de Ulisses novas,  
Em ótimo baixel de vinte remos:  
225 Talvez alguém te informe, ou soe o brado  
Com que Jove aos mortais gradua a fama.  
Interroga a Nestor primeiro em Pilos,  
Na Esparta ao louro Atrida, que o postremo  
Dos lorigados reis entrou na Grécia.  
230 Vivo Ulisses, paciente um ano esperes;

Morto, regressa, um monumento exalça  
 E consagra-lhe exéquias dignas dele;  
 De ti novo marido a mãe receba.  
 Isto acabado, às claras ou por fraude,  
 235 Sêrio dos procos desfazer-te busca:  
 De brincos pueris não é mais tempo.  
 Ouves de Orestes o renome honroso,  
 Por ter vingado o pai no infame Egisto?  
 Sê no valor qual és no garbo e talhe;  
 240 Gabem-te, filho, as gerações futuras.  
 Vou-me à inquieta nau por minha ausência:  
 Tudo observes, amigo, e nada esqueças”.  
 E o moço: “Hóspede, os sábios teus conselhos  
 Preceitos são de pai, que eu n’alma guardo.  
 245 Mas demora-te ainda, a fim que um banho  
 O coração te alegre, e prenda exímia  
 Aceites hospital, que tu conserves,  
 Doce memória da amizade nossa”.  
 “Não me estorves”, replica, “ansioso parto.  
 250 A tua oferta para a volta aceito;  
 A Tafo hei de levá-la, e dignamente  
 Retribuir”. Eis voa a gázea deusa,  
 Águia Anopeia, infunde-lhe coragem,  
 Na alma avivando o pai. Crendo-a celeste,  
 255 O deiforme assombrado aos mais se agrega.  
 Mudos a Fêmio atendem, que o de Troia  
 Triste regresso dos Aqueus modula,  
 Por Minerva disposto. A nobre Icária  
 Penélope a divina cantilena  
 260 Do alto percebe, e desce pela escada.  
 Não só, com duas servas; ante os procos,  
 À porta, o véu de pejo ao rosto abaixa,  
 Entre as servas lagrima, ao vate fala:  
 “Fêmio, outros carmes e trabalhos sabes  
 265 De homens e deuses, da poesia assunto;

Escolhe um que a beber te escutem ledos:  
Suspende esse cantar, que amargo sempre  
O coração me rala e mo entristece,  
À lembrança do herói, cuja alta glória  
270 Por toda Hélade e Argólida ressoa”.  
“Reprovas, minha mãe”, contesta o filho,  
“Que nos deleite a impulsos do seu gênio?  
Os poetas não culpes, culpa a Jove  
Que a prazer os inspira e o estro acende.  
275 Não peca em celebrar de Aqueus os males,  
E se é nova a canção, mais prende os homens:  
Reforça o ânimo teu para sustê-la.  
Se luz não teve para a volta Ulisses,  
Em Troia outros heróis também ficaram.  
280 Mas dentro as servas atarefa, intende  
Na roca e no tear: varões discorram,  
E eu mormente que sou da casa o dono”.  
Recolheu-se com pasmo, na prudência  
Do filho meditando, pela escada,  
285 Mais as fâmulas duas, vai carpindo  
O amado ausente esposo, até que em sono  
Boa Minerva as pálpebras lhe fecha.  
De compartilhar seu leito ávidos, eles  
Na escurecida sala tumultuam;  
290 A quem Telêmaco: “O alarido cesse,  
De Penélope amantes ultrajosos:  
Ora à mesa o cantor saboreemos,  
Na harmonia parelho às divindades.  
Amanhã sem rebuço, em parlamento,  
295 Exporei meu desejo de expulsar-vos:  
Mutuando os festins, comi do vosso.  
A preferirdes consumir sem termo  
Os bens de um só, recorro aos Sempiternos:  
Júpiter o castigo vos fulmine,  
300 E nestes paços expireis inultos”.